

Um governador português na colônia brasileira pela óptica de Ana Miranda

A portuguese governor in Brazilian colony by Ana Miranda's vision

NATHÁLIA MACÊDO

Universidade de Lisboa



Resumo: António de Souza Menezes, o Braço de Prata, foi governador da Bahia entre 1682 e 1684. O período em que esteve no poder foi marcado pelo assassinato do alcaide-mor Francisco Teles de Menezes, o governador viu neste crime a oportunidade de punir a família Ravasco e principalmente o Padre António Vieira. Movido pelo ódio e desejo de vingar-se de seus desafectos, o Braço de Prata cometeu desatinos no decorrer da investigação do assassinato, e em consequência, teve seu mandato encurtado. Ana Miranda recriou com maestria este bocado da vida de António de Souza Menezes quando escreveu *Boca do Inferno*, publicado em 1989.

Palavras-chave: António de Souza Menezes; Ana Miranda; *Boca do Inferno*

Abstract: António de Souza Menezes, the Braço de Prata, was governor of the Bahia between 1682 and 1684. The period that he was in the power was marked by the murder of the alcaide-mor, Francisco Teles de Menezes, the governor saw in this crime the chance to punish the Ravasco family, and mainly the Priest António Vieira. Moved by the hatred and desire to avenge himself on his enemies, the Braço de Prata committed mistakes during the inquiry of the murder, consequently, he had his mandate shortened. Ana Miranda recreated with mastery this bit of António de Souza Menezes's life when she wrote *Boca do Inferno*, published in 1989.

Keywords: António de Souza Menezes; Ana Miranda; *Boca do Inferno*

“Um governador português na colônia brasileira.” Esta frase incita uma pergunta natural: que governador será este? O governador em questão é Antonio de Souza Menezes, o Braço de Prata, assim alcunhado depois de ter perdido o braço direito nas guerras pernambucanas aos holandeses, e que esteve cerca de dois anos – entre 1682 e 1684 – a frente do governo da Bahia, que tinha Salvador como capital da então colônia brasileira. Este bocado da vida de Antonio de Souza Menezes foi resgatado em *Boca do Inferno*, primeiro romance histórico de Ana Miranda. A obra, lançada em 1989, veio a se tornar a narrativa de ficção histórica com maior relevo na carreira da escritora cearense, sendo até mesmo incluído na lista dos cem maiores romances do século de língua portuguesa.¹

Personagens históricas são sempre ficcionadas com maestria por Ana Miranda, basta uma vista de olhos pelo conjunto de sua obra: *O Retrato do Rei*, um romance que recria o cenário da Guerra dos Emboabas e o início do ciclo do ouro; *Dias e Dias*, uma narrativa em feição

de diário, onde é reproduzida a vida do poeta romântico Gonçalves Dias; *A última químera*, que conta a história do poeta paraibano Augusto dos Anjos através da voz de um narrador que se diz amigo de infância do poeta; ou ainda Gregório de Matos, Padre António Vieira e o próprio António de Souza Menezes em *Boca do Inferno*. Mas antes de adentrar por inteiro nesta criação particular da romancista, é importante observar alguns dados biográficos de António de Souza.

Aquele que ficou conhecido na história pela alcunha que literalmente carregava, Braço de Prata, era filho de Francisco de Souza Menezes, alcaide-mor da guarda e commendador de Bornes na Ordem de Cristo, e de sua segunda mulher D. Antónia de Noronha. Começou a sua carreira de armas em 1631, passou pelo Brasil na armada de D. Rodrigo Lobo em 1635 e em 1638 na armada do Conde da Torre. Em Itamaracá, após uma batalha de quatro dias, no castelo da proa de sua nau sofreu uma mutilação e passou a utilizar uma pesada peça de prata que substituiu o seu braço direito. Ao serviço do reino exerceu cargos administrativos no Estremoz, em Olivença, Campo Maior, e até viajou para Índia na frota do Conde de Sardezas.

¹ Esta lista foi organizada pelo caderno “Prosa e Verso”, do Jornal *O Globo*, em 1998.

Estas informações constam na obra de Pedro Calmon, *O crime de António Vieira* (1931). Nela, o historiador chega a arriscar características sobre a personalidade de António de Souza Menezes, afirmando que o governador “tinha arrogâncias e desatinos de soldado, curto senso político e escasso conhecimento dos homens, apesar da idade” (CALMON, 1931: 11), como também demonstrava demasiado amor próprio. O Braço de Prata do historiador Pedro Calmon é apresentado de uma maneira um tanto negativa. Contudo, é ainda possível obter uma diferente visão do mesmo homem investigando outras fontes. Gustavo de Matos Sequeira e Luís Pastor de Macedo, por exemplo, expuseram aos leitores a imagem de um herói, que apesar do braço postiço, serviu nas fronteiras do Minho e do Alentejo, nas campanhas da Restauração, e ainda foi capitão-mor das naus em 1655 quando esteve na Índia com o conde de Sardezas (*A nossa Lisboa: novidades antigas dadas ao público* 193?). Segundo os historiadores, o povo desconhece os feitos de guerreiro de António de Souza Menezes, que morreu heroicamente servindo a pátria, quando os naturais do Brasil o mataram num motim de carácter político.

Deve-se atentar que Gustavo Sequeira e Luís Pastor de Macedo fornecem informação contraditória sobre a sua morte, pois em outras fontes como Pedro Calmon, J. Lúcio de Azevedo, João Adolfo Hansen e no próprio romance histórico de Ana Miranda, *Boca do Inferno*, sabe-se que António de Souza Menezes voltou para Portugal com seu mandato encurtado, depois dos conflitos que assolaram o seu governo na Bahia. Foi deposto por pressão política e viveu seus últimos dias, portanto, longe do Brasil.

Segundo J. Lúcio de Azevedo, em sua biografia do Padre António Vieira, o Braço de Prata era um sujeito exaltado, presunçoso e arbitrário, que sucedeu a Roque da Costa Barreto no governo da Bahia e contra quem logo de princípio se manifestaram descontentamentos. Começou quando quis evitar um abuso de que se queixava a justiça: o costume dos moradores saírem à noite embuçados em suas capas, de modo a serem contínuos os delitos, impunes graças ao disfarce. Os amigos e os próprios a usarem a tal vestimenta reclamaram, claro, e os poetas da terra aproveitaram a oportunidade para escrever sobre o governador. Nesta lista deve-se incluir Gregório de Matos, que fez do Braço de Prata uma vítima de seus versos provocadores.

Ana Miranda, em *Boca do Inferno*, recriou um dos grandes protagonistas deste conflito baiano, António de Souza Menezes, seguindo a visão de muitos historiadores. A romancista construiu o governador partindo da mesma linha arrogante, prepotente e orgulhosa adoptada por Pedro Calmon e J. Lúcio de Azevedo. No princípio da narrativa, nota-se o quanto o seu aspecto podia despertar pavor nas pessoas que o observavam, já que para muitos

a sua aparência era tenebrosa. Quando percebiam que ele se aproximava, alguns gritavam: “É o Braço de Prata! É o Braço de Prata!” (MIRANDA, 1989: 50). O grito funcionava como um aviso da imagem que estava a surgir para todos, uma espécie de preparação para que muitos até fugissem e não estivessem presentes diante daquela figura bizarra que pousava um braço duro de prata sobre o colo. Entretanto, existiam também curiosos, que venciam o próprio medo para contemplar o aspecto pedante daquele homem. António de Souza cultivava de certa forma esse momento expectante para o povo, pois o seu andar já era marcado, destacado, rígido por orgulho e pelo peso da peça de prata que usava no lugar do braço direito, um membro postiço que exibia, entretanto, contornos perfeitos e que fora obra de um ourives do Porto.

A arrogância do Braço de Prata é evidenciada por Ana Miranda em sua criação por pequenos e grandes gestos: desde a exigência do governador de que todos os criados e mordomos deveriam ajoelhar-se à sua passagem – embora não fosse bispo tampouco arcebispo – se estendendo até o momento em que decide punir todos os Ravascos com o pretexto de fazer justiça face ao assassinato do alcaide-mor, um crime que acabou por marcar o seu governo na Bahia através de seus mandos e desmandos.

O assassinio de Francisco Teles de Menezes, é o grande motor da obra de Ana Miranda, pois apesar da famosa alcunha “Boca do Inferno” de Gregório de Matos dar título ao romance, a trama não tem como foco apenas a figura do poeta. O que realmente impulsiona o enredo é este crime, o pano de fundo histórico para o desenvolvimento da ficção de Ana Miranda. Sobre este acontecimento, sabe-se que Francisco Teles de Menezes, o alcaide-mor, fora assassinado por um grupo de oito homens encapuzados que lhe prepararam uma emboscada motivados por conflitos anteriores. Neste grupo, além dos Brito de Castro, estava presente Gonçalo Ravasco, filho de Bernardo Ravasco, secretário de Estado, e sobrinho do Padre António Vieira. Mal teve a certeza de que o sobrinho de Vieira poderia estar envolvido no crime, o Braço de Prata tratou de envolver toda a família Ravasco no episódio do assassinato, jogando na enxovia o secretário de Estado. Esta obsessão pelo jesuíta e seus familiares custou ao governador o afastamento de seu cargo. Entretanto, é preciso atentar que o seu atrito com o Padre Antonio Vieira já existia há tempos. O crime significou, na verdade, um caminho certo e talvez mais curto para António de Souza Menezes descarregar toda a sua ira acumulada.

Segundo J. Lúcio de Azevedo, o conflito começou desde a tal proibição dos embuçados, o acontecimento levou o Padre António Vieira a escrever sobre a interdição do governador num tom um tanto satírico. A contenda foi de uma vez instaurada quando o jesuíta começou a

expressar-se de forma irônica acerca do governador em suas correspondências, como se observa neste excerto:

Eu não posso presumir mal de António de Menezes, porque a madureza dos seus anos promete grandes acertos, e o não ter herdeiros igual desinteresse.” E logo em seguida: “O que só digo a Vossa Excelência é que, se ao Conselho de Estado subir uma representação do secretário deste, estimarei muito que não se saiba que é meu irmão, porque bastará esta notícia para que lá se não emendem as injustiças que cá se lhe fazem só por esta causa, porque não há outra. (AZEVEDO, 1992: 197)

Com as desavenças escancaradas, novos pequenos atritos aconteceram e foram relatados em outras cartas de Vieira para amigos da nobreza em Portugal. Num ensaio sobre o jesuíta, João Adolfo Hansen apresenta excertos destas correspondências (1999). Em um desses fragmentos transcritos pelo professor, António Vieira refere a sua expulsão do palácio pelo governador, quando lá esteve com a intenção de defender seu irmão Bernardo, que estava preso: “Lembrando ter sido honrado nos maiores palácios da Europa e da Nova Espanha, afirmo que foi preciso voltar à Bahia para ser assassino de homens e ser expulso do palácio local por um ‘meio homem’” (VIEIRA *apud* HANSEN, 1999: 89).

Ana Miranda ilustra veemente em sua criação este conflito por diversas passagens. O leitor, muitas vezes, pode até mesmo divertir-se com todo esse sentimento de ódio do Braço de Prata, que em certos momentos assemelha-se a uma criança birrenta desgostosa por causa de uma coisa qualquer. A personagem vive imaginando uma maneira de acabar com Vieira. Obviamente, o seu pensamento obstinado chega a atingir os seus sonhos. Numa dessas fantasias, o governador duela com o seu maior inimigo e consegue derrotá-lo, mas não é capaz de tirar a sua vida. Em conversa com o arcebispo João da Madre de Deus, ele relata o tal sonho. O arcebispo conclui que o pobre está de facto obcecado, pois, em seu delírio, António de Souza afirma que vê o Padre Antonio Vieira com seus cabelos desgrenhados a rir-se dele, e é por isso que ele o odeia tanto. Quando acontece o assassinato do alcaide e é suposta a participação de Gonçalo Ravasco no crime, o governador põe de imediato o pai do jovem na enxovia, mesmo sem provas que atestassem o envolvimento de Bernardo Ravasco no assassinato. Na verdade, o Braço de Prata estava finalmente conseguindo vingar-se de Vieira, e fazia isto punindo a família do jesuíta. Diante destas arbitrariedades e ainda de outras prisões decretadas e de tantas testemunhas inocentes inquiridas, o governador Antonio de Souza Menezes recebeu uma carta régia a 9 de Março de 1684. Nesta carta foi notificado que

o governador deveria voltar para Portugal. De forma simpática foi-lhe dito que assim poderia ter o seu descanso merecido no reino e que seria sucedido pelo Marquês das Minas.

António de Souza Menezes, o Braço de Prata, assumira o governo da Bahia com toda pompa na Igreja dos Jesuítas em presença de vereadores, desembargadores, religiosos e fidalgos há quase dois anos, e então, gentilmente, pediam-lhe que voltasse ao reino com o simples fim de descansar antes do término de seu mandato. Para um velho soldado como António de Souza com uma grande trajetória, deve ter sido no mínimo muito difícil aceitar aquela realidade. O secretário de Estado, Bernardo Ravasco, que ele mandara prender estava livre e restituído ao cargo. Gonçalo Ravasco, seu filho, envolvido no crime, havia fugido para Lisboa, sendo depois ilibado de todas acusações. Padre António Vieira conseguira limpar o nome de toda a sua família, enquanto Antonio de Souza que tanto o odiava nada pôde fazer, a não ser engolir toda a sua arrogância.

Esta é a visão de Ana Miranda em *Boca do Inferno*. É de total louvor a forma como a autora compôs a personagem através dos registos históricos que obteve. A começar pelo andar rígido pelo peso do braço de prata e pela sua empáfia; a superioridade imposta a todos os outros que deveriam curvar-se à sua passagem; um homem forte apesar da idade; amedrontador em seu aspecto, revelava excesso de poder pelo cargo que ocupava; o autoritarismo, a arrogância, a altivez, mas ao mesmo tempo a angústia por sua feiura física; um homem desconfiado de tudo e de todos, que tinha o ódio como uma espécie de motor em sua vida; julgava-se onipotente, poderoso; tinha a capacidade de controlar seus sentimentos, revelando-se uma pessoa fria. Portanto, a construção interior e exterior da personagem é fantástica, valendo-se de pormenores de dados históricos e de toda a sua criatividade a romancista cria com profundidade a personalidade do governador de forma muito bem conseguida. O narrador onisciente em *Boca do Inferno* focaliza interiormente a personagem, nos levando aos seus pensamentos e até mesmo aos seus sonhos, enriquecendo assim a sua composição e nos apresentando um todo e não apenas uma parte do que foi ou poderia ter sido o governador português António de Souza Menezes em sua passagem pela colônia brasileira.

Referências

- MIRANDA, Ana. *Boca do Inferno*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- AZEVEDO, J. Lúcio. *História de António Vieira*. Lisboa: Clássica Editora, 1992. v. II.
- CALMON, Pedro. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1959. v. III.

CALMON, Pedro. *O crime de António Vieira*. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

HANSEN, João Adolfo. Padre António Vieira – Sermões. In: MOTA, Lourenço Dantas (Org.). *Introdução ao Brasil. Um banquete no trópico*. São Paulo: SENAC, 1999.

RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Fidalgos e filantropos – A Santa Casa da Misericórdia da Bahia, 1550-1755*. Trad. de Sérgio Duarte. Brasília: Universidade de Brasília, 1981.

SEQUEIRA, Gustavo de Matos; MACEDO, Luís Pastor de. *A nossa Lisboa: novidades antigas dadas ao público*. Lisboa: Portugália, 193?.

TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Ática, 1981.

Recebido: 06 de março de 2011
Aprovado: 25 de março de 2011
Contato: nathaliajm@yahoo.com.br